



ÁGUA E ÓLEO: o fouco-marxismo

Felipe Luiz¹

 <https://orcid.org/0000-0002-6446-0810>

 <https://doi.org/10.33871/27639657.2024.4.1.8539>

RESUMO: O objetivo do presente artigo é debater a relação tensa entre Foucault e o marxismo. Para tanto, dois autores marxistas que trabalham essa relação são analisados, a partir de alguns de seus trabalhos recentes: Jacques Bidet e Domenico Losurdo, ambos marxistas, mas com perspectivas muito diferentes. Para o primeiro, Foucault e Marx podem ser pensados conjuntamente, nos marcos daquilo que ele chama de metamarxismo, com a reinscrição de Foucault no quadro mais amplo da dialética. Já para Losurdo, Foucault seria um empecilho para a revolução. A partir do confronto dessas duas perspectivas díspares, propomos uma saída contrária àquela de Bidet, ao passo que descartamos Losurdo: uma absorção de partes da crítica marxista em um marco foucaultiano a partir da noção de estratégia, operação teórica que estamos desenvolvendo.

Palavras-chave: Michel Foucault. Marxismo. Domenico Losurdo. Jacques Bidet. Estratégia.

WATER AND OIL: the foucomarxism

ABSTRACT: The aim of the present paper is to discuss the tense relation between Foucault and the Marxism. For that, two Marxists authors who work on that relation are analyzed, departing from some of their recent books: Jacques Bidet and Domenico Losurdo, both Marxists, but with very different views. For the first, Foucault and Marx can be thought conjunctly, in the milestone of what he calls Metamarxism, with the inscription of Foucault in a wider picture of dialectics. But for Losurdo, Foucault is a hindrance to revolution. Out of the confrontation of these two dissimilar perspectives, we propose an issue that contradicts Bidet, and in the same movement we discard Losurdo: an absorption of parts of Marxist critics in a Foucauldian frame using the concept of strategy as an operator, research in which we are working.

Keywords: Michel Foucault. Marxism. Domenico Losurdo. Jacques Bidet. Strategy.

¹ Bacharel, mestre e licenciado em filosofia pela UNESP, campus de Marília. Atualmente é doutorando em filosofia pela UFSCar. Seu âmbito de pesquisa é filosofia política, com ênfase em filosofia da guerra, socialismo, estratégia, filosofia francesa contemporânea, mas possui trabalhos em filosofia brasileira, filosofia antiga e filosofia africana. É autor de dezenas de artigos e de dois livros: Profecias (Urutau, 2021) e O conceito de estratégia em Michel Foucault (Clube de autores, 2024).





INTRODUÇÃO

Marx e Foucault, dois continentes da filosofia contemporânea, dois pensadores que geram polêmicas décadas e séculos após suas desapareções físicas, pois, como diz Foucault, o discurso reverbera e, como diz Marx, a ideologia se torna força material quando se apodera das massas. Seriam dois continentes separados por um oceano ou, à moda Europa-Ásia, mero cruzar de Urais nos conduziria de um ao outro?

Para os marxistas ortodoxos, Foucault é um proto pós-moderno, um liberal, um conservador, um miserável ou, até mesmo, um irracionalista. Seu pensamento estaria comprometido com a ordem vigente e o fato de Foucault ter sido crítico aos regimes do Leste e ao PCF mostraria bem que sua lealdade política não estava com a ciência e o portavoz do proletariado, o próprio marxismo, mas com as ilusões do capitalismo. Para os foucaultianos linha-dura Marx seria um totalitário, ultrapassado, como um peixe na água do século do positivismo e, tal qual a maré varre uma figura desenhada na areia, destinado a desvanecer com as vagas do tempo.

Trata-se de uma comparação desigual. Um século separa o nascimento de ambos. Marx não leu nem viveu o que Foucault viveu. Já Foucault comentou Marx e, nos interstícios de seu pensamento, paira sempre a sombra do marxismo; por um breve período, até mesmo militou no PCF, sem citar, já citando, sua relação muito próxima com Althusser, grande nome do marxismo francês contemporâneo. O mestre do *Collège de France* foi decisivamente influenciado pelo marxismo, isto é claro, e Gros (2012) chega até mesmo a dar-lhe o epíteto de neomarxista. Descuido, ou sua afirmação guarda alguma verdade, especialmente se considerarmos que Gros é uma das maiores autoridades contemporâneas no pensamento de Foucault?

Afora os ortodoxos, uma tendência vem se desenhando na filosofia contemporânea, não de todo nova, de unificar Foucault e Marx em uma espécie de fouco-marxismo. É o que vemos em autores como Negri e Hardt, Bidet, Dardot e Laval, Alliez e Lazzarato. O nível de integração que fornecem àqueles dois autores é diverso, mas todos pensam que o diálogo não pode ser simplesmente excluído; ao contrário, trata-se de uma intersecção profícua e fecunda, que operam, em níveis diferentes, em suas respectivas obras.



Foucault, ele mesmo, buscou se diferenciar do marxismo. Em várias passagens de suas obras, Marx é abordado com um olhar severo. Na fase arqueológica, Foucault vê em Marx os reflexos de uma figura do saber prestes a desaparecer. Malgrado isso, é impossível não sentir os ecos do pensador alemão na *História da loucura*, onde Foucault define uma base econômica como responsável pelo grande internamento dos loucos no século XVII. Foucault diz que o desemprego forçou as cidades e os reinos a adotarem medidas contra a crescente população de vagabundos e mendigos, a nosso ver, uma clara influência marxista.

Outros elementos do pensamento de Foucault sobre os quais pesa o dedo de Marx podem ser notados também na fase genealógica. Por exemplo, em *Vigiar e Punir* Foucault estabelece como imperativo do poder disciplinar a máxima de que ele opera para criar corpos politicamente dóceis e economicamente úteis, ou seja, trata-se de uma ênfase economicista se mostrando.

Até mesmo na fase ética, onde Foucault pretende problematizar as práticas de si, podem ser encontradas influências do marxismo. Afinal, uma estética da existência, como o pensa o mestre francês, é uma perspectiva claramente materialista e é impossível se falar em materialismo contemporâneo sem se demorar um pouco nas produções dos marxistas, correndo-se o risco de formular um trabalho incompleto e enviesado.

Assim como Foucault se demorou sobre Marx, também os marxistas vêm se debruçando sobre a obra de Foucault — para denunciá-la, sobremaneira. Encaram Foucault como um pensador que quis desviar as classes proletárias da revolução, ao focalizar aspectos como raça e gênero em detrimento das questões econômicas, um teórico que dificulta o caminho da revolução e não o facilita (LOSURDO, 2014). Analisemos, mais de perto, o caso de alguns pensadores marxistas que se debruçaram sobre Foucault.

1 O CASO BIDET

Conforme dito, há marxistas que enxergam que Foucault e Marx merecem um diálogo franco, caso de Jacques Bidet. Para ele, a esquerda contemporânea debate-se entre a via marxista e a via foucaultiana. Não é raro que se mobilizem ambos ao mesmo tempo, dentro do tríptico classe/raça/gênero, usando Marx para explicar o primeiro, e Foucault para explicar os outros dois. Quem quer analisar a exploração econômica, se vale de Marx; quem quer analisar o tratamento que o humano dispensa ao humano e a constituição de sujeitos, se vale de Foucault. Como na física contemporânea, cindida entre teoria quântica e teoria da relatividade, Foucault serviria para se pensar as microrrelações, enquanto Marx o poder com p em negrito.

Marx e Foucault se situam em uma tradição crítica da filosofia. Bidet (2014) afirma que tentará analisar ambos no marco de uma teoria geral da sociedade moderna. Para ele, ambos reprovaram o projeto. Assevera Bidet (2014) que buscará mostrar como eles se completam, como Foucault vem preencher algumas lacunas no pensamento de Marx. O programa deste se destinava à classe trabalhadora, parecendo excluir os desviantes; hoje, os desviantes tornaram-se a maioria.

Diz Bidet (2014) que Marx propunha que a classe capitalista se valia de uma razão mercantil, explorando e objetificando a classe trabalhadora. Mas, defende, as relações modernas de classe comportam duas mediações: o mercado e a organização. Esta última indica a existência de um poder-saber. A classe dominante é, assim, ligada a dois polos, os capitalistas e os dirigentes-competentes (*dirigéants-compétents*). Assim, um (Marx) analisa estruturalmente o capitalismo, o outro (Foucault) faz uma análise individualista (nominalista). Mas podem ser integrados em um metamarxismo, com sua metaestrutura.

Nos cursos que antecedem *Vigiar e Punir*, Foucault se inscreve em uma análise da sociedade de classe, introduzindo o termo disciplina; já nos cursos de 1977-1979 ele se afasta da análise de classe, para se fiar em relações de governo. Afirma Bidet que

Bastaria então acrescentar que Foucault concorda com Marx que, por trás do discurso liberal, há também a exploração com seus dispositivos coercitivos. E que ele traz o que lhe falta ainda para dar conta da eminente produtividade histórica do capitalismo: a análise dos poderes-saberes (*pouvoirs-savoirs*) que o impulsionam. Teríamos assim, com poucos custos, um 'Foucault com Marx' (BIDET, 2014, p. 43)



Para Bidet (2014), poder-se-ia se traçar paralelos entre várias análises de Foucault e Marx em *Vigiar e punir*, Foucault opera sobre um pano de fundo que supõe uma dominação de classe, embora ele não a defina e não chegue mesmo a pensar que a marca constitutiva da sociedade moderna seja a dominação de classe, mas a disciplina (*société disciplinaire*, não sociedade burguesa).

A questão se complica quando, no final da década de 1970, Foucault se propuser a analisar um tema que estava, então, candente, sendo ele um dos primeiros a se atentar ao fato: o neoliberalismo. O *leitmotiv* de Foucault é elaborar uma genealogia do Estado moderno, desde a Renascença, com seus episódios, como Estado soberano, Estado pautado na razão de Estado, na Idade Clássica, e o Estado liberal. As diferenças com relação a Marx são muitas, dificultando uma aproximação. Pode-se mesmo questionar se Foucault não se reconhece no neoliberalismo que ele critica, segundo Bidet (2014). O Estado liberal buscava se fundar em uma ordem natural, que seria aquela do livre-mercado; o governo seria julgado em termos de verdade, sendo o mercado o espaço de veridicção. Já o neoliberalismo que, segundo Foucault, surge na Alemanha, entende que a ordem liberal deve ser produzida, é fruto de uma intervenção ativa, mas controlada.

Bidet (2014) nota que, nas conferências reunidas em *A verdade e as formas jurídicas*, Foucault aponta que diversas instituições de nossa sociedade — tais como o asilo, o hospital, a fábrica, a escola, etc.—, que essas instituições têm como objetivo extrair o máximo de tempo daqueles que nela estão capturados. E Bidet acrescenta: “Em suma, as ditas instituições deveriam ser compreendidas como funções da produção capitalista. Hiper-marxismo” (BIDET, 2014, p. 59).

Para Bidet, Marx não foi capaz de reconhecer que os dois termos, mercado e organização, são constitutivos da estrutura moderna de classes. Marx não teria sabido analisar o correlato do poder-propriedade (*pouvoir-proprieté*), o poder saber (*pouvoir-savoir*)

O analista francês em consideração pensa que a maior dificuldade na união entre as duas visões seria a de saber como conciliar uma visão nominalista (que interpela os indivíduos) com uma estruturalista (que se refere às classes). Para tanto, ele propõe uma



saída interessante. Ele observa que a língua francesa comporta duas palavras diferentes onde o inglês (e, acrescentemos, o português) somente possui uma: o termo *relation* (relação). As palavras francesas são *rappports* (relação) e *relation* (relação). Para ele, há uma tradição que propõe que se nos utilizemos do termo *relation* para relações entre indivíduos, e *rappport* para relações estruturais. Doravante, não traduziremos os termos, explicadas suas definições.

Para Bidet (2014) somente podemos ser, ao mesmo tempo, estruturalistas e nominalistas ao articularmos *rappport* de classe e *relation* de classe, o que faria que nos centrássemos ao mesmo tempo nas duas mediações interindividuais instrumentalizadas, o mercado (*rappport*) e a organização (*relation*). Há de se distinguir entre o Estado metaestrutural (considerado abstratamente, como aparece nas constituições), o Estado estrutural (tomado em sua essência de Estado de classe) e o Estado concreto, oriundo da interação entre os dois prévios.

A dialética, assim compreendida, é a forma real da relação entre realidades que nominalismo e estruturalismo somente apreendem de modo unilateral. É ao inscrever o nominalismo de Foucault neste quadro dialético estrutural e metaestrutural que podemos lhe dar toda sua seriedade histórica, que guarda que a singularidade do indivíduo não é uma essência, mas uma incerteza, a qual se joga em espaços movediços, e, no entanto, estritamente cartografados, de estruturas de classe, que possuem sua dinâmica própria, ele mesma, também, entretanto, sempre incerta (BIDET, 2014, p. 125)

Ou seja, Bidet (2014) pensa que o caminho para os marxistas utilizarem a obra de Foucault é reinscrevendo-a na dialética, suprassumindo-a no interior de um quadro dialético. Foucault teria feito grandes contribuições, mas teria falhado em alguns pontos chave. Por exemplo, e eis o cerne, Foucault vai operar nas décadas de 70 e 80 com termos como estratégia e tática. Ele aponta como houve táticas e estratégias para dominar a classe trabalhadora, mas, na hora de pensar quem definiu essas estratégias, ele deslinda para a afirmação de uma espécie de estratégia sem estrategista, uma estratégia sem sujeito (BIDET, 2014, p. 127-128). Bidet considera a análise de Foucault acertada, mas, ao contrário dele, pensa em termos de *rappports*, de relações estruturais; foi uma classe que pensou como dominar os proletários, a burguesia. O estrategista oculto do esquema de Foucault são as



classes dominantes. Foucault peca, assim, por medo de dar às coisas os seus nomes, podemos dizer.

É possível acrescentar outros elementos à essa análise de Bidet. Foucault, embora critique em várias obras, artigos e intervenções a sociedade atual, nada propõe como substitutivo, se contenta em ficar, como diria os hegelianos, e contra as próprias tradições talvez bergsonianas de Foucault, no trabalho do negativo. Não há traços de proposta política em Foucault. Peguemos um exemplo na famosa discussão entre Foucault e um militante maoísta. Foucault se opõe à defesa deste da organização de um tribunal popular; indagado sobre o que propunha no lugar, Foucault faz “um gracejo”, como ele mesmo diz: não tenho proposta, temos que inventar algo.

Ou seja, Foucault se presta para mostrar as estratégias. É um analista, um pensador capaz de fazer a ontologia do presente, mas sem ideias para a construção do futuro: não só o defensor de uma estratégia sem estrategista, mas um estrategista sem estratégia.

Claro, isso decorre do fato de Foucault defender um outro estatuto para o intelectual; não o intelectual de vanguarda, a consciência de todos, ou o profeta no alto do monte, mas um intelectual engajado em ações de seu próprio campo profissional, no qual, sem dúvidas, Foucault esteve envolvido.

Guardemos de Bidet e sua avaliação de Foucault o seguinte: 1. Foucault deve ser supressumido no interior da dialética; 2. Os estrategistas sem sujeito de Foucault são, na verdade, as classes dominantes; 3. Falta uma estratégia a Foucault. Vejamos agora a avaliação mais linha-dura de Domenico Losurdo.

2 O CASO LOSURDO

Toda uma outra visão possui Domenico Losurdo. Para o italiano, Foucault não só interpreta erradamente o estatuto do conflito nas sociedades modernas, como ele impede mesmo a construção de um mundo pós-capitalista.

Para Losurdo (2013), o marxismo se constitui em uma lógica que explica o conflito social em três níveis: no nível econômico, na luta entre operários e patrões, no nível nacional

Revista Paranaense de Filosofia, v. 4, n. 1, p. 72 – 90, Jan./Jun., 2024.

ISSN: 2763-9657

Universidade Estadual do Paraná

(que podemos dizer étnico) entre nações oprimidas e nações opressoras, e no nível de gênero, com a opressão das mulheres pelos homens. Ele ainda acrescenta as preocupações ecológicas de Marx e Engels, segundo ele, adequadas às questões contemporâneas.

Losurdo (2013) considera que Nietzsche comete uma contradição performativa ao criticar o silogismo como plebeu e se valer da mesma razão a fim de construir sua argumentação. Ele também considera que Nietzsche faz um giro nominalista, desconfiando da categoria de homem, a fim de poder tratar os homens como escravos aristotélicos, como meros instrumentos, ao tornar a luta entre senhores e escravo um princípio explicativo transcendente, que explicaria todas as sociedades humanas (LOSURDO, 2013, p. 77-78)

O resultado desse nietzscheanismo, que Foucault crê mais radical que a proposta de Marx, segundo Losurdo (2013), é a busca por relações de poder em toda parte, o que se mostrou, diz Losurdo, uma luta contra a razão e uma microfísica do poder que dificultou a comunicação intersubjetiva. A construção de uma sociedade pós-capitalista também se encontra prejudicada, já que novas formas de poder não de emergir, de modo a não se encarar verdadeiras alternativas. O resultado é uma perspectiva anárquica, que deixa um espaço aberto, o qual somente pode ser preenchido pela violência direta. (LOSURDO, 2013, p. 78)

Essa é a avaliação geral que o pensador italiano faz de Foucault. Para ele, portanto, o poder político não está, à moda do mestre francês, espalhado nas instituições sociais. É um poder político centrado no Estado. Além disso, como fica claro, todas as relações de poder têm por base o campo da produção econômica: operários e patrões, imperialismo e países dominados, mulher e divisão sexual do trabalho, ecologia e as consequências da indústria capitalista ao meio ambiente. Losurdo não procede, destarte, a uma crítica da civilização ocidental enquanto tal, mas a um capítulo dela, aquele da modernização capitalista.

Ou seja, o mestre italiano considera não só que Foucault e Marx não são dialogáveis, como que Foucault *et caterva* são um impedimento na luta por outra sociedade. Quem estará com a razão? Losurdo e sua negação ou Bidet e sua suprassunção? Foucault é realmente um pensador comprometido com as classes dominantes, em último caso? Ou ele analisa elementos constitutivos da ordem capitalista e é, assim, um aliado daqueles que se propõem



a superá-la? Caso admitamos Bidet, em quais marcos integrar Foucault em uma crítica geral da sociedade tal qual exposta pelo marxismo? Como um capítulo, desviante e importante, na história deste? Ou a resposta será outra?

3 UMA PROPOSTA DE SOLUÇÃO AO DILMEA

Para nós, é justamente essa última opção o caso: não reintegrar Foucault ao marxismo, mas integrar o marxismo em uma ontologia do presente, nos marcos de uma crítica geral (em contraposição a uma crítica global) utilizando, fundamentalmente, um conceito de Foucault, abordado — e desprezado — por Bidet, o conceito de *estratégia*.

Explique-se. Como nota muito bem Bidet, Foucault é um nominalista. Marx é um realista. Os termos fazem referências a um dos debates mais profícuos da história da filosofia ocidental, a querela dos universais. Para os nominalistas, o universal é mero *flatus vocis*, conquanto para os realistas o universal é real, existe efetivamente. Para Foucault não existe poder enquanto tal, quer dizer, uma essência do poder, somente formas históricas; já para Marx, a origem e fundamento de todo poder é a luta de classes. Tal era o entendimento de Lênin: o Estado é fruto da existência de classes sociais; conforme essas desapareçam, o Estado definha e some (LÊNIN, 1983). Até mesmo a dominação dos homens sobre as mulheres guarda origem na atividade econômica (ENGELS, 1962).

Já Foucault pensa em termos de relações de poder (no plural). Para Foucault, essas se dão em muitos âmbitos, estão espalhadas na sociedade. Esta deve ser analisada em termos de guerra civil, sendo o vocabulário básico aquele da arte da guerra: estratégia, tática, dispositivo, relações de força, etc.

Gros (2012) pode afirmar que Foucault é neomarxista porque tanto Marx quanto o mestre francês compartilham modelos similares, mas não idênticos. A principal fonte de Marx, afora os economistas e os socialistas franceses, é Hegel. Este, por sua vez, replica um modelo heraclítico, uma cosmovisão belicosa; a dialética, nos diz Sandor (1986) nasce de Heráclito. Já Foucault foi haurir suas fontes em Nietzsche, o qual pode ser considerado um



filósofo que defende "algum tipo de heraclitismo" (NASSER, 2015, p. 16). Em Heráclito encontraríamos as fontes ocultas de ambos. E, a origem do pensamento de Heráclito seria Anaximandro, o primeiro filósofo a nos deixar um fragmento (KAHN, 1960). Assim, caso tracemos a genealogia de ambos os autores, terminaríamos no raiar mesmo da filosofia.

Mas há muitas diferenças, o que invalida pensar Foucault como um neomarxista. Por exemplo, a questão do método. Nem Marx nem o Foucault genealogista dedicaram muitas páginas à exposição do método, deixando um capítulo em aberto aos intérpretes. Marx, nas célebres páginas do *Contribuições à crítica da economia política* e em outros trechos de menor fama, aborda o tema, mas de maneira breve. Já Foucault, em *Nietzsche, a genealogia e a história* e em momentos lacônicos dos cursos. Mas, nas poucas passagens, há o suficiente para contrapô-los de maneira decisiva.

Marx elabora um método que almeja a totalidade, dando conta das contradições de uma sociedade, mas em um marco englobante. Ele pensa que a realidade é a síntese de múltiplas determinações. Mas há uma base, uma verdadeira *archē*, capaz de subsumir os conflitos: as relações de produção, as quais sobredeterminam as relações restantes. As passagens nas quais Marx salienta a capacidade da economia em ditar as demais formas das relações sociais são clássicas. Por exemplo, "a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes" (MARX, ENGELS, 1977). A história das diferentes sociedades que existiram até o momento em que os autores escreveriam a célebre passagem (1848) é a da luta de classes, no plural. Se as classes estão no plural, a história está no singular, e bem poderia ser grafada, no português, em maiúscula. Trata-se de uma história só, totalizante, uma história que abarca o conjunto das relações sociais, subsumidas, assim, à sua base material, o que, para eles, significa o substrato econômico. É na práxis que se encontra a chave de compreensão de uma produção teórica ou social qualquer. Eis uma radiografia da lógica dialética.

Já Foucault é mais discreto. Ele não intenta forjar um método capaz de subsumir os conflitos à sua base comum, o que daria azo a uma espécie de história dedutível. Foucault parece defender uma casuística, um empirismo histórico, onde cada caso possui dignidade o suficiente para ser analisado de forma separada, documentada, datada. Ele fala em uma



lógica da estratégia, onde um campo analisado não é reintegrado em uma totalidade, mas permanece válido em sua singularidade, brilhando por si só. Foucault parece crer que toda supressão é uma subsunção, no caso, subsunção ao elemento que se repete na história, ao mesmo, ao “esqueleto hegeliano”, que não permite que se vislumbre corretamente os termos em conflito. Antes, valeria a pena deixar as determinações da luta se desdobrarem em toda sua vivacidade, o que permitiria que fossem focadas mais corretamente.

Lógica dialética e lógica estratégica, duas ramas incomunicáveis do saber na filosofia política contemporânea? Para Bidet, conforme apontado, basta supressumir Foucault, ou seja, se valer de suas produções nos marcos de uma crítica global do capitalismo moderno que as diferenças desaparecem. Essa parece ser a via de Dardot e Laval (2009), os quais, a partir das análises de Foucault ao neoliberalismo, elaboram uma verdadeira crítica deste enquanto “nova razão do mundo”, preenchendo lacunas, e perfazendo um quadro ainda mais rico que aquele de Foucault. E não somente analisam o mundo tal qual se dá atualmente, como propõem uma saída, ainda que não enquanto modo de produção, na forma da luta pelo comum, o qual seria a forma do comunismo contemporâneo, emergente nas lutas dos dois lados do Atlântico (DARDOT, LAVAL, 2014).

Negri e Hardt (2000; 2004; 2009) também parecem pensar que o caminho da supressão seja o ideal. Eles se valem dos conceitos foucaultianos, e, também, deleuzianos, em um marco marxista, de uma análise global do mundo contemporâneo, divididas em três tópicos: análise do inimigo (NEGRI, HARDT, 2000), análise do sujeito revolucionário (NEGRI, HARDT, 2004) e análise dos objetivos da luta (NEGRI, HARDT, 2009). Foucault é pensado como analista de uma das características centrais das sociedades coevas, o biopoder, verdadeira coluna sobre a qual o capitalismo soube se erguer.

Em todas essas tentativas, nota-se sempre que Foucault é reintegrado no marco mais amplo de Marx. Mas, e se ao invés de supressumir Foucault, utilizássemos os conceitos deste a fim de propor uma digestão de Marx? Qual gênero de conceitos deveria ser mobilizados para que alcançássemos tal intento? Como fugir da razão hegeliana e encetar uma outra forma de compreensão da relação Foucault-marxismo, uma que una a verve crítica de ambos, sem nos valermos na panóplia hegeliana que pesa sobre os marxistas?



Alguns elementos que a crítica foucaultiana permite que se veja no marxismo seriam bons pontos de partida. Primeiro, o economismo na análise do poder (e da sociedade de forma geral); Foucault enxerga nas estruturas estatais não somente uma superestrutura determinada pelas relações econômicas, mas uma atividade produtiva, com funções econômicas ela mesma (FOUCAULT, 1997; FOUCAULT, 2019).

Segundo, a ideia de que o poder político se concentra no Estado; para os marxistas, a tomada do poder (do Estado) é o objetivo primeiro; para os foucaultianos, seria na mudança da própria tessitura das relações sociais que se alcançaria a verdadeira mudança, o que talvez possa aproximar Foucault de Gramsci, na perspectiva de uma guerra de posições.

Terceiro, a ausência de uma estratégia clara em Foucault, um objetivo tal qual “o comunismo”; é possível haurir, das falas de Foucault, uma meta política clara? Primeiro, é patente a negação do mundo tal qual estava organizado então. Foucault denuncia a biopolítica, a anatomopolítica e o neoliberalismo. É um crítico da sociedade disciplinar, e não se alia nem com os regimes do Leste nem com aqueles do Oeste. Qual seria a proposta de Foucault? Nem URSS nem USA; mas qual via? Se há quem o aproxime do anarquismo, Foucault ele mesmo se afasta desta corrente em alguns pontos fundamentais. Seria o caso de se falar em pós-anarquismo? Ou outra corrente emerge da leitura atenta de Foucault?

A crítica recai, em última análise, sobre a noção de *archē*. Enquanto os marxistas parecem supor uma *archē* do poder político e da própria formação social, Foucault pensa em termos de relações fluidas. Como dão um princípio ao poder político, os marxistas podem pensar uma finalidade na história, uma teleologia; o comunismo seria fruto das próprias condições e contradições que o capitalismo gera e, destarte, fatal — ao menos deste modo foi lido por gerações de comunistas, de Kautsky a Estálin. A noção de *archē*, em bom português, de fundamento metafísico, que Foucault critica com o nome de *Ursprung*, haurido das obras de Nietzsche, seria o primeiro elemento a se pensar na proposição de uma alternativa ao marxismo.

Com a crítica da noção de *archē*, abre-se as portas para o desenho de uma crítica geral, não global. Esta subsumi os conflitos a uma base única, aquela deixa valer o conflito naquilo que ele guarda de específico. Em termos de método, trata-se de se traçar uma série



e, uma vez elaboradas séries suficientes, elaborar um quadro, o qual possibilite uma ontologia do presente de uma formação social. Ao invés de um princípio do qual se deduza a essência mesma de uma sociedade, uma análise histórica, pautada em documentos, de onde se possa derivar os elementos formativos. Passa-se de uma lógica dedutiva, tal qual era a ciência antes da revolução científica, à uma análise conforme aos padrões de pesquisa contemporâneos.

Quem diz fundo, diz fim. Ou seja, quem aponta uma *archē*, aponta também um *telos*. Foucault se opõe a ambos. Contra a noção de *archē*, Foucault propõe a noção de *Erfindung*, retirada de Nietzsche. Comentando este, Foucault nota como o alemão se opõe à noção de *Ursprung*, enquanto origem metafísica das coisas, em benefício de uma noção de que elas foram inventadas; na raiz da poesia, por exemplo, não estariam formas existentes em um mundo ideal, mas a invenção, em dado momento, dela mesma. A noção de invenção traz à baila a acasualidade das coisas, não sua necessidade, invertendo os fatores.

Já em relação ao *telos*, nos lembramos que é um conceito que nos reenvia a uma filosofia da história. Esta disciplina é tão antiga quanto a própria filosofia, podendo ser encontrada já em Anaximandro, na medida em que o milésio aponta para a noção de um tempo cíclico, onde “aquilo do qual as coisas se geraram” é também o seu fim (*telos*). Heráclito também opera com essa ideia, por exemplo ao falar que tudo se processa segundo a necessidade, e que há um Grande Ano, no qual tudo será consumido para depois ser refeito (KAHN, 1979). A ideia de que os fatos históricos se processam segundo uma lei histórica ganha corpo sobretudo com os autores cristão, que reforçam a noção de Providência. Com o mecanicismo, a noção se fortalece e parece não haver fuga das cadeias de ferro do necessário (PECORARO, 2009).

No lugar da *arché*, Foucault propõe uma ontologia das relações. Os fatos históricos se dão como a centelha entre duas espadas, não segundo um fundamento suprahistórico que os controlaria. Ao invés de uma filosofia da história, Foucault propõe uma epistemologia do saber histórico, uma filosofia da historiografia, do *métier* de historiador.

Ou seja, Foucault mobiliza outra sorte de conceitos, distintos daqueles de Marx. Marx pensa em contradições, Foucault em luta. O teutônico considera que, dado haver



contradições, o processo histórico se encaminha no sentido da superação da sociedade de classes, através dos elementos constitutivos desta. Foucault não pensa em termos de contradição, mas de luta. Nada garante, dado não haver nem *archê* nem *telos* na história, que haja uma superação necessária da atual sociedade. Muito ao contrário, somente com a adoção de determinadas estratégias é que poderemos criar uma nova sociedade. Ao contrário de Marx, que pensa em fim da política com o fim das classes e da pré-história da humanidade, Foucault adota uma posição historicista, quer dizer, considera a história em termos belicosos (FOUCAULT, 1994, pp. 470-471), o que implica que não haja fim da política senão pela guerra.

No lugar do *telos* marxista, um objetivo estratégico foucaultiano, objetivo este que só pode ser alcançado por meio de estratégias determinadas. Há três conceitos de estratégia em Foucault: arqueológica, estratégia de comando e estratégia sem sujeito. O primeiro nos reenvia ao campo do discurso e sua formação e, destarte, pouco nos interessa dado nosso fito. O segundo compreende a noção mais clássica de estratégia; Foucault assim a define:

A palavra estratégia é atualmente empregada de três modos. Primeiro, para designar os meios utilizados para atingir certo fim; é uma questão da racionalidade funcionando para atingir certo objetivo. Segundo, para designar a maneira pela qual um parceiro, em certo jogo age, com respeito ao que ele pensa que deveria ser a ação dos outros e o que ele considera que os outros pensam dele mesmo; este modo pelo qual alguém pensa possuir uma vantagem sobre os outros. Terceiro, para designar os procedimentos utilizados em uma situação de conflito para privar o oponente de seus meios de combate e para reduzi-lo a desistir da luta; é uma questão, portanto, dos meios destinados para obter a vitória. Esses três significados aparecem juntos em situações de conflito — jogos de guerra — onde o objetivo é agir sobre um adversário de tal modo a tornar a luta impossível para ele. Então, estratégia é definida pela escolha de soluções vitoriosas (FOUCAULT, 1982, p. 224-225)

Ou seja, a estratégia é definida como um meio, uma atitude e como procedimento. Ela seria, desta feita, um conceito operacional, ligado a alguém que a põe em prática. Foucault, dessa forma, concorda com as definições clássicas de estratégia, que pensam esta como uma ciência dos meios (ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO BRASILEIRO, 2001), uma tal que lida com os caminhos a se adotar a fim de ganhar um duelo. O nome desses caminhos é tática. A estratégia é um conjunto de tática articuladas para dado fim.



Mas há um terceiro conceito de estratégia em Foucault, abordado por Bidet como estratégia sem estrategista, por outros autores como estratégia sem sujeito e que vimos chamando de estratégia histórica. Trata-se de um termo que ocorre em algumas intervenções de Foucault, mas o qual perpassa toda sua produção sobre o poder. Expliquemos. Conforme dito, Foucault adota um modelo belicoso. Ele diz:

Ora, eu gostaria de conduzir a análise considerando ao contrário que a guerra civil é o estado permanente a partir do qual pode e deve-se compreender um certo número de táticas das quais a penalidade é, precisamente, um exemplo privilegiado. A guerra civil pe a matriz de toda as lutas do poder, de todas as estratégias de poder e, por consequência, também a matriz de todas as lutas sobre e contra o poder. É a atriz geral que vai permitir a compreensão da organização e do funcionamento de uma estratégia particular da penalidade: esta do encarceramento. O que eu vou tentar mostrar é este jogo, na sociedade do século XIX, entre uma guerra civil permanente e as táticas opostas do poder (FOUCAULT, 2013, p. 15, tradução nossa)

Toda ação a propósito das relações de poder deve ser entendida nos marcos de uma guerra civil. Para se analisar a guerra, os melhores instrumentos que dispomos são os termos da ciência da Estratégia. Logo, a fim de se estudar a sociedade, os conceitos oriundos dos gerais são os mais indicados. Assim, o poder se organiza em termos de estratégia e tática. Cada ação em face das relações de poder é tática. Como a estratégia comporta um vetor temporal, essa tática guarda repercussões estratégicas. Assim, chega-se a estratégias que não foram pensadas enquanto tais, dado que a ação ocorre em um campo de exterioridades, nos marcos de uma positividade plena: são os efeitos das relações de poder. Eis a noção de estratégia histórica. Assim, Foucault mostra como, na verdade, os reformadores do Código Penal propuseram outra estratégia de punição, que não foi seguida, em detrimento da prisão, que logo se espalha. Trata-se de uma estratégia histórica se desenvolvendo.

A noção de estratégia, conforme dito, permite que fuçamos de uma análise de *arché* e de *telos*, em benefício de uma análise do que podemos chamar de *mesos*, meio. Não uma *archeologia* nem uma *teleologia*, mas uma *mesologia* filosófica, que retire do marxismo os elementos para uma análise dos meios imbricados no objeto de estudo, sem supor jamais uma finalidade na história, nem que haja uma contradição no real (termo hegeliano,



panlogicista; em seu lugar lutas abertas e de resultado incerto) nem que o fundamento do poder seria a propriedade privada, já que há relações de poder sempre tênues e prontas para serem revertidas mesmo em sociedades sem propriedade privada, como mostra Clastres

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da crítica da teleologia e da archeologia, já encetadas por Foucault, é mister extrair, dos textos deste, elementos para uma absorção do marxismo nos marcos de uma lógica estratégica. O marxismo seria, nestes marcos, reduzido a dois elementos: primeiro, crítica da economia política; segundo uma estratégia de comando para as classes despossuídas. Mas, ao invés de supor um capitalismo e suas marcas constitutivas, como crises de superprodução, pensar em capitalismo, no plural. Marx teria fornecido os elementos para uma leitura do capitalismo tal qual ele se encontrava em dado momento. Mas pecou ao querer derivar todas as características de uma sociedade das relações de produção, fugindo, destarte, da cientificidade moderna, que não se fia na *archē*, tal qual dito, mas no *mesos*. Daí a tarefa que se impõem: separar o que há de *archeologico* da obra de Marx, para ficar somente com o *mesologico*.

O segundo elemento a ser extraído do marxismo que pode ser aproveitado em sua reinscrição foucaultiana seria o objetivo. É sabido o mal que causou aos movimentos dos despossuídos a teleologia histórica de Marx, o qual a herdou de Hegel, quem, por sua vez, misturou escatologia cristã com posições filosóficas de alguns autores, a começar por Heráclito. A história, para Foucault, não é fechada, não é governada pela *ananke*, pela necessidade. Ela é decidida pelo acaso das batalhas, não pela lei de ferro que governaria o mundo. Assim, é mister se desfazer de análises que salientam a inevitabilidade do capitalismo ou do socialismo. Já passamos por vários capitalisms: mercantilismo, liberalismo, capitalismo de bem-estar e, agora, neoliberalismo. Outras formas podem surgir, como o anarcocapitalismo, o qual Foucault investiga. Nada nos permite supor que o futuro será melhor que o presente. Trata-se, pois, de organizar a resistência às atuais formas de exploração e opressão e se dotar de uma estratégia de comando que mobilize sujeitos e crie



novas formas de política, onde esta não seja pensada como guerra contínua contra os inimigos externos e internos (ALLIEZ, LAZZARATO, 2016). Propostas no campo da esquerda, críticas àquilo ao qual Foucault se opunha, podem servir de lastro., propostas como as de Alliez e Lazzarato (2016), Hardt e Negri (2009) e Dardot e Laval (2014), os quais trabalham em torno do tema do *comum*, ressonando protestos globais, que exigiam o retorno aos *commons*, expropriados pela burguesia nascente. Pensar o comum não como *telos*, inscrito na urdidura do real, mas como objetivo, como *skopos*; substituir a empoeirada teleologia metafísica por uma *skopologia* materialista.

No fundo, nossas indicações para a apropriação foucaultiana do marxismo podem ser resumidas em poucas linhas, embora a pesquisa que exigam seja de mais ampla portada. 1. Não supor que o mundo seja derivável de uma *archē*, mas, sim, que ele se constitui através de conflitos múltiplos e das relações que os termos entre si mantêm. 2. Como não há *archē*, não há *archelogia*. 3. Como não há *archelogia*, não há teleologia. 4. No lugar da *archelogia*, uma *mesologia*, que investigue o mundo tal qual ele se dá, a fim de resolver os problemas filosóficos, históricos e sociológicos. 5. No lugar de uma teleologia, uma *skopologia*, a qual nunca supõe uma *archē* e uma *ananke*, mas, sim, o jogo livre das forças em conflito.

Essa perspectiva permitirá analisar o capitalismo não mais como um universal necessário, mas como uma estratégia histórica. Assim, os começos do capitalismo, seu desdobrar, sua expansão pelo globo, deixariam de ser encarados como frutos da *ananke*, em benefício de uma visão que privilegiasse sua intelecção enquanto estratégias, com escopo bem definido.

Creemos que, com esses passos, é possível se alcançar uma formulação onde marxismo seja reinscrito no âmbito da senda aberta por Foucault. Mas sua concretização depende de uma pesquisa em curso, cujos resultados parciais acabamos de expor.

REFERÊNCIAS



ALLIEZ, E. LAZZARATO, M. *Guerres et capital*. Paris: Éditions Amsterdam, 2016

BIDET, J. *Foucault avec Marx*. Paris: La Fabrique, 2014

DARDOT, P. LAVAL, C. *Commun. Essai sur la révolution au XXIe siècle*. Paris: La Découverte, 2014

_____. *La nouvelle raison du monde*. Essai sur la société néolibérale. Paris: La Découverte, 2009

ENGELS, F. „Der Ursprung der Familie, des Privateigentums und des Staats“. In MARX, K. ENGELS, F. *Marx/Engels Werke*. Berlin: Dietz, 1962, pp. 25-173

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO BRASILEIRO. Manual de Campanha: Estratégia. s/l: Bibliex, 2001

FOUCAULT, M. *La société punitive*. Paris: EHESS/Gallimard/Seuil, 2013

_____. *Dits et écrits 1954-1988: III 1976-1979*. Paris: Gallimard, 1994

_____. *Il faut défendre la société (1975-1976)*. Paris: Gallimard/Seuil, 1997

_____. *Penal Theories And Institutions*. Lectures At The Collège De France (1971-1972). Tradução de Burchell, G. Switzerland: Palgrave-Macmillan, 2019

_____. “The subject and power”. In DREYFUS, H. RABINOW, P. *Michel Foucault: Beyond Structuralism and hermeneutics*, Chicago: University of Chicago Press, 1982, pp. 208-226

HARDT, M. NEGRI, A. *Commonwealth*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2009

_____. *Empire*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2000

_____. *Multitude: war and democracy in the age of Empire*. New York: Penguin Press, 2004

KAHN, C. *Anaximander and the origins of Greek cosmology*. New York: Columbia University Press, 1960



_____. *The art and thought of Heraclitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979

LÊNIN, V. I. *O Estado e a revolução : o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução*. São Paulo: Hucitec, 1983

LOSURDO, D. *La lotta di classe: Una Storia politica e filosofica*. Bari: Laterza, 2013

MARX, K. ENGELS, F. „Manifest der Kommunistischen Partei“. In MARX, K. ENGELS, F. I. Berlin: Dietz, 1977, pp. 449-493

NASSER, E. *Nietzsche e a ontologia do vir-a-ser*. São Paulo: Edições Loyola, 2015

PECORARO, R. *Filosofia da história*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009

SANDOR, P. *Historia de la dialéctica*. Buenos Aires: Leviatan, 1986

Recebido: 01/02/2024

Aprovado: 21/06/2024